

Bancos não perdem tempo e já vendem o bônus da dívida

São Paulo — Vinte e quatro horas após o anúncio do acordo sobre o pagamento dos juros atrasados pelo Brasil aos bancos credores, já se começou a negociar um novo papel no mercado de títulos da dívida externa (onde se compra e se vende cada duplicata brasileira com desconto sobre o seu valor real). Ontem, alguns bancos já realizaram negócios de compra e venda dos bônus que serão emitidos pelo Brasil em troca de cerca de US\$ 6 bilhões em juros que estavam em atraso junto à comunidade financeira internacional (o País tinha cerca de US\$ 8 bilhões de juros em atraso, sendo que US\$ 6 bilhões serão transformados em bônus com prazo de 10 anos para pagamento). Foram negociados direitos sobre esses bônus, que só depois serão lançados efetivamente, após acordo do total dos atrasados do Brasil.

O Nederlandsche Middenlandsbank (NMB Bank) comprou direitos sobre esses bônus a US\$ 0,60 e os vendeu a US\$ 0,65. “Já realizamos alguns negócios”, contou Jordi Wiegerinck, vice-presidente do NMB Bank. “Trata-se de um bom negócio”. Essa cotação inicial dos bônus de juros atrasados revela-se alta em relação aos demais papéis da dívida externa brasileira. O motivo é que os investidores desse mercado secundário de títulos da dívida já consideram que o Brasil tem uma nova postura em relação ao tratamento do problema. A leitura é a seguinte: o Brasil fez um acordo com os credores onde converteu juros que não pagava em novos títulos (os bônus) e se comprometeu a pagar os juros devidos por esse papel de forma correta e sem atrasos.

Chance

“Se o Brasil quebrar de novo esse acordo, qual a chance de voltar a negociar com os credores?”, pergunta Wiegerinck. “Nenhuma”. Por essa razão, investidores consideram um bom negócio comprar esses bônus a 60% do seu valor real. E, ao considerar um bom negócio, estão apostando que o Brasil vai, a partir de agora, honrar os acordos assinados com seus

credores. A animação dos investidores nesse tipo de mercado, com a assinatura do acordo, também se refletiu no mercado de direitos referentes aos juros em atraso do Brasil, que eram vendidos e comprados a US\$ 0,50 na semana passada. Ontem, o preço subiu para US\$ 0,63 e não havia vendedores. “A negociação dos direitos sobre os atrasados estava sendo feita na base de US\$ 0,25 há bem pouco tempo. O preço subiu para US\$ 0,50 e agora já não se encontra vendedores”, ratificou Peter John Anderson, presidente do Chase Manhattan Bank.

“Essa é uma demonstração de que os bancos e investidores estavam com grande expectativa em relação a um acordo do Brasil”, acrescentou Anderson. O movimento desse mercado de títulos da dívida externa brasileira girou, apenas no primeiro trimestre, algo em torno de US\$ 5 bilhões. O volume negociado nesse mercado é infinitamente superior, por exemplo, ao que é girado nas bolsas de valores brasileiras, que negociam em torno de US\$ 30 milhões de ações por dia. Os maiores participantes, pela ordem de volumes negociados, são o NMB Bank (holandês), o Chase Manhattan (americano), o Citibank (americano), o JP Morgan (americano) e o Manufacturers Hannover (americano), de acordo com estimativa da revista especializada Latin Finance, edição de março. “Nós negociamos muito mais nesse trimestre do que o ano passado inteiro”, conta Peter Anderson.

Segundo estimativa da Latin Finance, o Brasil deverá realizar um movimento de US\$ 21 bilhões no mercado de títulos da dívida, em 1991, contra US\$ 15 bilhões no ano passado. O NMB Bank negociou, por exemplo, US\$ 1,7 bilhão em títulos brasileiros apenas no primeiro trimestre do ano, ou 74% do que movimentou em todo o ano passado. O acordo anunciado pelo Brasil e os credores (o primeiro a ser assinado pelo governo do presidente Fernando Collor) revelou ainda que este é um mercado de grandes oportunidades de lucro.